

## A Linguística em livros introdutórios: a produção do conhecimento a partir do modo como se concebe determinado domínio de saber

Caroline Mallmann Schneiders<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente estudo tem como objetivo compreender, a partir de livros introdutórios referentes à Linguística, como este domínio de saber é definido em determinada conjuntura sócio-histórica e ideológica. Primeiramente, observamos os anos de 1970, quando a Linguística ainda passa por um processo de solidificação, e, após, interessa-nos observar como tal domínio está definido na atualidade, a partir dos anos 2000. Para tanto, temos como objetos de estudo os seguintes livros introdutórios: *Introdução à lingüística*, de Leonor Scliar Cabral, e *Introdução à Linguística I e II*, organizados por José Luiz Fiorin. Por meio dessa reflexão, visamos a compreender como se constitui e circula um discurso *sobre* a Linguística em conjunturas diferentes.

*Palavras-chave:* Linguística; produção do conhecimento; condições de produção.

Linguistics in introductory books

**ABSTRACT:** This study aims to understand, from introductory books related to Linguistics, as this field of knowledge is defined in certain socio-historical and ideological conjuncture. First, we look at the 1970s, when the Linguistics is still undergoing a process of solidification, and after, we are interested in observing how this field is set in the present, from the 2000s. For this, we used in this study the following introductory books: *Introdução à lingüística*, by Leonor Scliar Cabral, and *Introdução à Linguística I e II*, organized by José Luiz Fiorin. In this analysis, we aim to highlight the constitution and the circulation of discourse on the Linguistics in different conjunctures.

*Keywords:* Linguistics; knowledge production; production conditions.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A produção do conhecimento linguístico refere-se a uma prática que vem se realizando, no contexto brasileiro, desde a segunda metade do séc. XIX, momento em que iniciam-se a produção e a publicação das primeiras gramáticas referentes ao português do Brasil, passando a ser desenvolvidos estudos sobre a linguagem vinculados às condições sócio-históricas específicas do Brasil, como nos pontua Guimarães (2004). Diante disso, interessa-nos, no presente estudo<sup>2</sup>, destacar uma reflexão acerca da história do conhecimento

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/PPGL) e bolsista Capes.

<sup>2</sup> Uma primeira versão deste estudo encontra-se no periódico *Fragmentum* - n. 33, disponível em: < <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/fragmentum/article/view/6750/4077>>.

linguístico que vem se desenvolvendo, sobretudo, a partir da institucionalização e disciplinarização da Linguística no contexto brasileiro. Nosso objetivo é observar como a Linguística é definida nos anos de 1970, quando ela ainda passa por um processo de solidificação, e como ela está definida na atualidade, a partir dos anos 2000.

Para o desenvolvimento desse estudo, possuímos, como objeto de reflexão, livros denominados de *Introdução à Linguística*, para compreender como essa discursividade, cuja característica é tratar de um assunto específico de modo mais compreensível, concebe a Linguística em determinadas condições sócio-históricas e ideológicas. Entendemos que se torna relevante lançar um olhar sobre esses livros, pois visam à divulgação e, principalmente, à circulação do saber sobre as ideias linguísticas, tornando esse saber acessível a um público maior. Os livros selecionados são: *Introdução à linguística*<sup>3</sup>, de Leonor Scliar Cabral, e *Introdução à Linguística I e II*, organizados por José Luiz Fiorin.

Esses livros são representativos para diferentes conjunturas e contextos. O primeiro refere-se ao contexto do Rio Grande do Sul, sendo um livro que se destaca devido ao fato de anunciar um discurso fundador do lugar de uma Linguística voltada para o ensino do que propriamente teórica (SCHERER, 2005, p. 21). Nesse sentido, trata-se de um livro introdutório que buscou destacar, já nos anos de 1970, um olhar para questões sobre a Linguística e ensino. Já o segundo livro, trata-se de um manual que se destaca nos anos 2000, no âmbito nacional, tendo uma grande repercussão nos cursos de Letras, servindo como leitura base tanto para os ingressantes nessa área de conhecimento quanto para alunos de pós-graduação.

Esse trabalho inscreve-se na perspectiva da História das Ideias Linguísticas (HIL) vinculada à Análise do Discurso (AD) de orientação pecheuxtiana. Tendo em vista essa filiação, consideramos como essencial a noção de condições de produção, a fim de compreendermos como cada materialidade se constitui, atentando, em especial, ao modo como a história se inscreve na língua, produzindo determinados efeitos de sentidos (ORLANDI, 2004).

---

<sup>3</sup> Nos títulos dos livros e citações, mantemos a ortografia original, conforme a data de publicação.

## **A CIRCULAÇÃO DO CONHECIMENTO E SUA RELAÇÃO COM O DISCURSO SOBRE**

Para compreender como a Linguística está definida nos livros introdutórios que selecionamos, entendemos como fundamental observar a determinação histórica que constitui cada materialidade, para, desse modo, explicitar em que medida a temporalidade e a exterioridade se inscrevem no processo discursivo. A determinação histórica de cada materialidade relaciona-se às condições de produção, possibilitando-nos entender que saberes/dizeres estão em circulação em determinado contexto sócio-histórico e ideológico, bem como as filiações de sentidos que se estabelecem.

A partir da determinação histórica, estaremos atentando ao modo como a história se inscreve na língua e produz efeitos de sentidos. A história, tanto para a AD como para a HIL, não se define como uma simples cronologia de acontecimentos, como a evolução dos fatos, mas se refere à filiação de sentidos, à produção dos fatos, sendo estes suscetíveis de serem analisados e interpretados (ORLANDI, 1996). Desse modo, a história não é considerada como algo exterior ao discurso, é parte da constituição discursiva, configurando uma temporalidade que é interna ao discurso e possibilitando a historicização de determinados saberes/dizeres (AUROUX, 2008; PUECH, 2006).

A temporalidade constitutiva do discurso marca diferentes modos de historicização, os quais podem ser apreendidos por meio da constituição e do estudo do(s) horizonte(s) de retrospectão. O horizonte de retrospectão configura-se como o conjunto dos conhecimentos anteriores que podem afetar de algum modo a constituição/produção do conhecimento atual, de acordo com as condições sócio-histórica e ideológica (AUROUX, 2008). Conforme Auroux (1992, p. 11), todo conhecimento é uma realidade histórica constituído por um horizonte de retrospectão e de projeção, sendo o horizonte de retrospectão fundamental para compreendermos a historicidade e a memória que afeta e constitui determinada produção do conhecimento.

Para esse autor (Id., 2006), fazendo referência ao domínio da história das ciências, não se pode verificar uma temporalidade extrínseca, mas, sim, uma temporalidade que é interna a esse domínio, constituindo-o e produzindo efeitos de sentidos. A temporalidade seria, portanto, uma característica interna e essencial às ciências, tornando possível o funcionamento do horizonte de retrospectão. Este, na visão de Auroux (2008), estrutura-se de diferentes

modos, mostrando que o conhecimento está em relação ao tempo e que não existe conhecimento instantâneo.

Como veremos, os sentidos configuram-se em determinada produção discursiva por meio da relação estabelecida com a exterioridade, mas esta não se trata de uma exterioridade empírica, é uma exterioridade discursiva e constitutiva, como salienta Orlandi (1996; 2005). Essas questões enfatizadas fazem parte da dimensão da constituição discursiva, ou seja, do interdiscurso, noção que indica a relação do dizer/discurso com a ordem do repetível, do já dito, para produzir sentidos. Essa dimensão, como sabemos, determina a da formulação, o nível intradiscursivo, sendo o lugar em que o dizer se lineariza, onde a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde) (ORLANDI, 2005, p. 9).

Além desses dois processos que envolvem a produção discursiva, há um terceiro que é igualmente importante e que nos interessa de modo especial: o nível da circulação, onde os dizeres são como se mostram (Ibid., p. 11), indicando que os discursos circulam em determinada conjuntura a partir de certas condições. Pelo modo de circulação, podemos observar, como menciona Orlandi, os trajetos dos dizeres, os quais são também carregados de sentidos, visto que os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam (Ibid., p. 12).

A circulação é fundamental em nossa reflexão, pois nos interessa como a Linguística é tratada em discursos que visam a sua divulgação, os quais funcionam como um discurso *sobre* a Linguística<sup>4</sup>. A partir dessa compreensão, poderemos observar que saberes, ou filiação de sentidos sobre esse disciplinar, estão em circulação, possibilitando-nos um entendimento referente ao modo como se concebe o objeto da Linguística em certas condições de produção.

Quando nos referimos à circulação do conhecimento, também se deve levar em conta a questão da legitimação, que se liga, por sua vez, a uma questão institucional, que entra no que pode e deve ser dito, mas também no que não pode e não deve ser dito em determinadas condições. Para que um domínio de saber se institucionalize e circule, é necessário que haja o reconhecimento entre seus pares, que Aurox (2008, p. 130) denomina de "comunidades de conhecimento" cuja função é validar e legitimar os conhecimentos. Esse reconhecimento

---

<sup>4</sup> A distinção entre discurso *de* e discurso *sobre* pode ser observada em Orlandi (1990). Para a autora (1990, p. 37), o discurso *sobre* envolve uma das formas cruciais da institucionalização dos sentidos, sendo um lugar importante para organizar as diferentes vozes (dos discursos *de*).

coletivo é essencial para o que se coloca em circulação, podendo, com isso, verificar uma possível política de ciência na produção científica de certo período (ORLANDI, 2002).

Guimarães (2009), no que se refere à questão da política científica, entende que ela relaciona-se ao modo de circulação do conhecimento, uma vez que essas políticas afetam o direcionamento da prática científica de determinado momento sócio-histórico e ideológico. Esse autor enfatiza que

Falar de política científica é falar de algum tipo de controle do que se deve ou não pesquisar. Ou, dito de forma talvez mais branda, do que é mais necessário pesquisar. Assim, falar de política científica é colocar em cena uma discussão sobre a independência da ciência e do cientista. Ou, em outros termos, o que pode ser tomado como elemento que conforma a ação do cientista (GUIMARÃES, 2009, p. 8).

Nesse sentido, tanto a produção dos conhecimentos quanto a circulação estão submetidas à legitimação e validação das comunidades de conhecimento. Assim, filiar-se à determinada comunidade científica é marcar-se enquanto sujeito, inscrevendo-se em uma posição ideológica. Todas essas questões envolvendo a produção do conhecimento e a circulação estão em estreita relação com o que salientamos anteriormente a respeito da exterioridade, que é, pois, constitutiva do discurso, apontando para a determinação ideológica e histórica da materialidade discursiva (ORLANDI, 2005).

Para explicitar como a Linguística está definida em livros introdutórios pertencentes a diferentes conjunturas, devemos considerar, sobretudo, a noção de exterioridade, bem como a sua relação com as condições de produção. A partir disso, acreditamos que será possível entender o que envolve a produção e a circulação do discurso *sobre* a Linguística nos livros introdutórios.

## **OS LIVROS INTRODUTÓRIOS E O FUNCIONAMENTO DE UM DISCURSO *SOBRE* A LINGUÍSTICA**

Tendo em vista o objeto de estudo que delimitamos, procuramos, a partir deste momento, propor algumas considerações que visam ao modo como a Linguística se apresenta na materialidade discursiva segundo certas condições, a fim de compreendermos também como se constitui e circula um discurso *sobre* a Linguística em momentos diferentes. Primeiramente, destacaremos algumas observações a respeito do livro *Introdução à linguística* de Leonor Scliar Cabral, cuja publicação é de 1973, sendo resultante da

compilação de textos que foram publicados, nos anos de 1966 a 1967, no Jornal Diário de Notícias<sup>5</sup>.

É relevante considerar esse dado, pois nos indica que a materialidade está vinculada a dois modos de circulação, e, por conseguinte, dois modos de divulgação. Podemos dizer que a circulação da Linguística no Jornal Diário de Notícias relaciona-se ao que Orlandi (2002) resalta sobre o jornalismo científico (JC), indicando que, por meio desse modo de divulgar, há um *efeito de exterioridade da ciência*, o qual promove a presença do conhecimento na sociedade (p. 210, grifos do autor).

Pela publicação do livro, podemos observar a que público o mesmo se destina e seu objetivo, como nos mostra a breve apresentação junto à parte interna da capa do livro: *Destinado, fundamentalmente, aos estudantes dos cursos de Letras e Comunicação, este livro tem por objetivo iniciá-los gradativamente na ciência da linguagem articulada, começando por definir o objeto e métodos da linguística, dentro de uma perspectiva histórica, e situando-a no quadro das demais ciências* (SCLiar CABRAL, 1973).

Segundo Xavier (2004), essas formas de circulação dos estudos de Scliar Cabral contribuíram para divulgar a Linguística no sul, visto que se tratava de um período em que poucos estudiosos sabiam ou falavam sobre esse domínio do conhecimento, pois a Linguística estava começando a se constituir, a tomar corpo no Brasil (p. 37-38).

Como sabemos, a Linguística foi institucionalizada como disciplina obrigatória nos cursos de Letras via decreto Federal no ano de 1962. Anterior a esse período, a Linguística não possuía um lugar reconhecido diante dos estudos da linguagem, sendo praticada por um grupo restrito de estudiosos e divulgada de diversos modos (ALTMAN, 2004)<sup>6</sup>. É importante mencionar que nesse período, devido à falta de formação especializada, quem se dedicava à Linguística nem sempre possuía uma formação na área, como é o caso de Leonor Scliar Cabral, formada em Direito, que estava no último ano do curso de Letras quando da publicação de seus artigos no Jornal Diário de Notícias.

Para Xavier (2004), nesse período havia o interesse em divulgar os estudos linguísticos e em ocupar esse espaço que ainda era restrito devido à falta de um corpo profissional

---

<sup>5</sup> Um estudo mais apurado sobre esse livro pode ser observado no estudo de dissertação de Rosemary Candaten Xavier, intitulado *Leonor Scliar Cabral: uma historicidade possível na produção do saber sobre a linguística na mídia impressa do RS*, 2004. Estudo realizado junto ao PPGL/UFSM sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr. Amanda E. Scherer.

<sup>6</sup> A Linguística era introduzida junto a outras disciplinas dos cursos de Letras, ou circulava em obras desse período, como as de Mattoso Câmara, e em revistas como a Revista Brasileira de Filologia.

especializado para desempenhar tal função. Desse modo, o sujeito com formação em outras áreas, mas dedicado aos estudos linguísticos, era autorizado a assumir a posição de sujeito linguista (Ibid., p. 52).

Podemos afirmar, que, quando da publicação do livro *Introdução à Linguística*, de Scliar Cabral, o estabelecimento da Linguística enquanto disciplina foi determinante para os estudiosos brasileiros se legitimarem enquanto linguistas. A respeito dessa relação entre o estudioso e o campo disciplinar, Lagazzi-Rodrigues (2007, p. 13) entende que a Linguística é legitimada por quem institui uma ciência, por quem pratica uma ciência, por quem ensina uma ciência, por quem divulga uma ciência, mas considera que os espaços institucionais acadêmicos foram essenciais para a produção, expansão, circulação e representação dos estudos *da* e *sobre* a Linguística no Brasil. Em nosso entendimento, para esse campo disciplinar se consolidar, foi necessário tanto a legitimação de quem produz ciência e a fez circular entre seus pares quanto a institucionalização pelo Estado.

Ressaltamos essas breves observações que dizem respeito à conjuntura dos anos de 1960 e ao modo como a Linguística se configurou no Brasil, para compreender que posição o linguista possuía e em que condições ele e sua produção estavam inseridos. Tendo isso em vista, passaremos a observar como a Linguística está definida e/ou representada no livro *Introdução à Linguística*, de Scliar Cabral. Não nos propomos a realizar um estudo aprofundado, mas a pontuar questões que nos permitem entender que recorte se tem sobre o objeto da Linguística nos livros de divulgação selecionados. Nossas observações, no livro de Scliar Cabral, serão, sobretudo, a respeito do capítulo 1: *O que é Linguística*, mencionando também alguns pontos relevantes do capítulo 2, *Divisões da Linguística*.

O primeiro capítulo, dedicado a especificar o que é a Linguística, aponta, especialmente, para um discurso que se filia à Linguística europeia e americana. Essa filiação está explicitada pelo seguinte recorte: *A linguística adquire autonomia a partir de F. de Saussure e a L. Bloomfield* (SCLIAR CABRAL, 1973, p. 3). Segundo Pêcheux (1999, p. 10), o pensamento de Saussure se estende até o estruturalismo distribucional de Bloomfield, ou seja, há um ponto de contato entre esses estudiosos, embora a vertente americana passe a desenvolver estudos com uma abordagem diferenciada. Diante disso, torna-se necessário observar como essas duas filiações se relacionam com os dois pontos principais desse capítulo: *Objeto da linguística*, e *O método*.

No que se refere ao objeto, destaca-se que anterior a esses dois estudiosos não havia sido precisado o objeto da Linguística, ou seja, marca uma distinção entre os estudos que se

faziam antes da definição do objeto da Linguística e os que passaram a ser realizados: o objeto da Linguística não havia sido precisado até então, daí decorrendo a inexistência de um método próprio (SCLIAR CABRAL, 1973, p. 3). Nessa parte do capítulo, verifica-se a ênfase nas considerações de Saussure, como quem definiu, no início do século XX, com maior clareza, o objeto da linguística trazendo sua célebre dicotomia língua (*langue*) versus discurso (*parole*)<sup>7</sup>.

Após situar quando e quem definiu o objeto da Linguística, destaca-se a segunda metade do século XX com os estudos da Gramática Gerativo-Transformacional (GGT), cujo principal representante é Chomsky que segue na linha de estudos propostos por Bloomfield. Essa abordagem americana está inserida a fim de marcar a possibilidade de um outro olhar sobre o objeto da Linguística, considerando que essa escola determinou uma verdadeira reformulação quanto ao objeto da linguística (SCLIAR CABRAL, 1973, pp. 4-5), mas procurou aproveitar alguns aspectos que Saussure propôs, mesmo divergindo da perspectiva saussuriana. Essa ênfase em Chomsky é decorrente do fato de que é nos anos 60/70 que se inicia a sua recepção no Brasil, ou seja, observamos que há uma determinação histórica na constituição discursiva.

Na parte sobre o método, há novamente a presença das duas filiações já mencionadas para apontar como cada viés concebe o método segundo o entendimento que se tem sobre o objeto da Linguística. No início do século XX, com Saussure e Bloomfield, havia uma linguística descritiva, utilizando o método indutivo em larga escala. Já o método empregado na GGT, é hipotético-dedutivo e seu modelo emprega técnicas de item-e-processo, com um conjunto de regras, grande parte delas ordenadas (SCLIAR CABRAL, 1973, p. 6).

Esses dois pontos de vista, tanto sobre o objeto quanto sobre o método, permitem-nos compreender que objeto e método são representados conforme a abordagem ou filiação a que o sujeito está vinculado. Assim, a Linguística é representada a partir do olhar que se lança sobre seu objeto, determinando, por sua vez, o método utilizado. É nesse sentido, portanto, que se concebe o que seria a Linguística no livro introdutório de Scliar Cabral, como podemos perceber pela seguinte afirmação: De uma noção bem clara sobre o objeto da linguística depende a compreensão do que seja esta ciência (SCLIAR CABRAL, 1973, p. 7).

Tendo em vista essa abordagem em torno do objeto e do método, enfatizamos o capítulo que segue: Divisões da Linguística, cuja divisão é determinada pelo modo como se

---

<sup>7</sup> Na tradução do *Curso de Linguística Geral*, de Saussure, *parole* está traduzida como fala.



compreende seu objeto. Primeiramente, verifica-se um esquema do capítulo, enfatizando que as divisões da Linguística podem apresentar dois eixos: A Linguística Teórica ou a Linguística Aplicada. Porém, esta última é subordinada à teórica, na concepção de Scliar Cabral.

A Linguística teórica engloba: Universais linguísticos; Linguística sincrônica; Linguística diacrônica; Linguística comparativa; Dialectologia; Línguas em contato; História da linguística; Fonética e fonologia; Morfossintaxe; Lexicologia e semântica ou sintaxe, semântica e fonologia (esta segunda possibilidade é conforme a GGT). Já a Linguística Aplicada engloba: Linguística aplicada ao ensino de línguas; Elaboração de regras ortográficas; Técnicas de alfabetização; Tradução; Estilística. A autora ainda acrescenta duas Ciências interdisciplinares a esses dois eixos, a psicolinguística e a sociolinguística.

A partir da divisão acima, observamos a existência de uma visão geral dos estudos que tem por objeto a língua, destacando a existência não só de um viés teórico, mas também de outro voltado à aplicação, ou seja, ao ensino. Interessa-nos, dentre as divisões, as Ciências interdisciplinares, pois a Psicolinguística e a Sociolinguística estão sendo consideradas como ciências autônomas, mas relacionadas à Linguística. Esses ramos configuram as disciplinas que envolvem a denominada Linguística contemporânea, que partem do objeto da Linguística, mas consideram como essencial a relação com outros elementos, como é o caso da psicolinguística que traz para o centro os processos psicológicos, e a sociolinguística que traz a estrutura social.

Diante disso, podemos dizer que a especificidade desse livro introdutório está no fato de priorizar a questão do objeto da Linguística, o qual é central para as várias perspectivas dos estudos linguísticos, embora cada uma o enfatize de um modo específico. Para nós, diante do viés em que nos situamos, isso nos leva a compreender que toda filiação teórica, o modo como se representa o objeto da Linguística é perpassado por uma questão ideológica e histórica. Para Orlandi (2002, p. 156), quando os autores se filiam a uma teoria e não outra, e quando fazem um recorte do objeto de conhecimento, estão produzindo uma política de ciência com consequências para uma política social. Considerando o recorte que está em circulação no livro *Introdução à linguística*, de Scliar Cabral, nos anos de 1960/1970, quando a Linguística está se consolidando em todo território brasileiro, entendemos que a divulgação desses saberes irá influenciar o desenvolvimento dos estudos linguísticos que seguem no âmbito do Rio Grande do Sul, devido à importância das questões instauradas a respeito de uma Linguística de cunho teórico e outra voltada à aplicação.

Busca-se, por meio desse livro introdutório, fazer circular o discurso *sobre* a Linguística, atualizando, na dimensão da formulação discursiva, o discurso de autores e textos bases que configuraram esse domínio no início e metade do séc. XX. Ao fazer circular um discurso *sobre*, há, no livro em questão, um gesto de interpretação sobre o que representa a Linguística nesse momento sócio-histórico. Todo recorte sobre determinado campo de saber resulta da estrita relação entre a produção discursiva e a exterioridade, sendo a determinação histórica e ideológica que configuram a constituição do discurso, bem como a posição do sujeito que aí se instala. Assim, entendemos que, nesse contexto sócio-histórico, visa-se a divulgar a Linguística pela ênfase em seu objeto e método por serem essenciais para consolidar esse domínio de saber, além de contribuir para o desenvolvimento dos estudos futuros.

Após essas considerações, passaremos a destacar o livro *Introdução à Linguística - I. Objetos teóricos*, organizado por José Luiz Fiorin. Neste livro introdutório há uma organização distinta, uma vez que não há o estabelecimento de uma divisão dos estudos que integram o domínio da Linguística, o que verifica-se, pelo sumário, são diferentes reflexões sobre questões linguísticas que perpassam a conjuntura dos anos 2000.

No prefácio, Fiorin apresenta o livro que organiza, destinado, sobretudo, aos alunos do curso de Letras, ressaltando que um dos pontos que envolvem a proposta curricular desse curso são os fatos linguísticos a partir da Linguística. O autor destaca que o currículo é a seleção de uma série de conteúdos com vistas a alcançar determinados objetivos (FIORIN, 2011, p. 8), ou seja, vincula-se a uma questão institucional, ocorrendo o mesmo para a composição de um livro introdutório, uma vez que é necessário selecionar o que vai integrá-lo, não é possível abarcar o todo. Assim, o recorte que se propõe nesse livro busca ir além do senso comum na observação dos fenômenos linguísticos para tornar possível uma posição investigativa diante da linguagem humana (Ibid., p. 8).

É devido ao fato de que tal materialidade se configura como um livro introdutório que alguns conceitos foram selecionados e não outros e, ao mesmo tempo, eles não foram tratados em toda a sua complexidade (Ibid., p. 8). Tendo em vista essas questões que justificam a forma como se organizou o livro *Introdução à Linguística I*, é necessário ressaltar o seu objetivo, que é promover ao aluno uma visão de conjunto dos modos como a ciência da linguagem trata do fenômeno linguístico (Ibid., p. 8). O objetivo é determinante para as escolhas ou os recortes diante do domínio da Linguística que serão postos em circulação pelo livro introdutório.

Considerando o sumário, não há uma preocupação, como no livro anterior, em definir o que é a Linguística, visto que é um domínio já consolidado, como podemos observar pelo título do seguinte texto que compõe o livro: *“A língua como objeto da Linguística”*. Ou seja, desloca a questão de definir o que é a Linguística para tratar de seu objeto em si. Também não se verifica um enfoque nas divisões da Linguística, o que se tem são reflexões acerca dos fenômenos linguísticos calcadas a uma perspectiva teórica em específico.

A Linguística é entendida como uma ciência que abarca diferentes modos de conceber o fenômeno linguístico. Ou seja, pensar esse campo de estudo, nos dias de hoje, é considerar as várias vertentes que integram os estudos linguísticos, pois o interesse não é marcar ou consolidar esse domínio, mas divulgar e fazer circular essas diversas possibilidades de se estudar os fenômenos linguísticos.

Entendemos que o enfoque dado à Linguística não se vincula a uma questão que se fecha nas disciplinas ligadas a esse domínio, porém, é necessário observar que as escolhas das questões a serem tratadas marcam uma posição ideológica e histórica diante do que se considera como pertinente circular e divulgar. Essa abordagem não é observada no 2º volume, que se refere aos *Princípios de análise*, pois volta uma questão disciplinar em sua organização, apresentando uma visão sobre as diversas disciplinas que integram a Linguística, como: Fonética; Fonologia; Morfologia; Sintaxe; Semântica; Pragmática; Discurso. O interesse é introduzir o aluno nos princípios da análise linguística em seus diferentes níveis e em suas várias perspectivas (FIORIN, 2005, p. 7).

Por meio da estrutura do 2º volume, observamos que se vincula ao que Foucault resalta sobre a disciplina, que é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras (2007, p. 36). Para o autor, o que envolve uma disciplina relaciona-se também a uma questão de recorte devido ao fato de que ela não é a soma de tudo o que pode ser dito de verdadeiro sobre alguma coisa, não é nem mesmo o conjunto de tudo o que pode ser aceito, a propósito de um mesmo dado, em virtude de um princípio de coerência ou de sistematicidade (Ibid., p. 31).

Destacamos, brevemente, essas considerações para compreendermos como a Linguística é entendida nos anos 2000, permitindo-nos dizer que sua concepção não se restringe a um olhar que se volta para sua constituição como ciência, mas para as diferentes abordagens que a integram decorrentes do seu desenvolvimento no âmbito brasileiro. Isso nos aponta para a relação entre o saber e a exterioridade. Conforme Auroux (2008), o saber não é

estático, ele se vincula a algo anterior, mas se projeta para um futuro, ou seja, o saber é contínuo e relaciona-se com as condições sócio-históricas e ideológicas.

Como bem ressalta Fiorin (2005, p. 8), sintetizando o modo como se concebe a Linguística, nos livros introdutórios em questão, a ciência é constituída de uma multiplicidade de pontos de vista e que cada um aporta uma parcela de conhecimento da realidade. O autor ainda acrescenta que a ciência não é a verdade, mas é uma explicação provisória da realidade, e que o debate, a contradição e o conflito são inerentes ao fazer científico.

Nesse sentido, o olhar que se tem sobre o que é a Linguística em cada livro introdutório está vinculado às condições de produção e ao objetivo que se tem com determinada circulação e divulgação. Nos anos de 1960/1970, o que interessava era consolidar tanto a Linguística quanto os sujeitos denominados linguistas; já nos anos 2000, o interesse estava em divulgar os diversos pontos de vista desse fazer científico através de sujeitos com formação em Linguística.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratar da história da produção do conhecimento é levar em consideração a relação existente com o outro, que é necessária para a consolidação e demarcação de determinado campo de saber, que se configura conforme certas condições sócio-históricas e ideológicas. A produção de conhecimento, para Scherer (2008, p. 133), envolve um trabalho permanente de demarcação de lugar, trabalho que envolve um policiamento incessante de fronteiras e uma vigilância epistemológica ímpar de domínios, a fim de que possamos manter as rédeas de nossa sujeição nos possíveis deslizamentos de sentido na constituição do campo de saber em que estamos postos.

Nos livros introdutórios selecionados, observamos que há diferenças no modo como representam o domínio da Linguística, pois, para cada conjuntura, há uma representação distinta do sistema de objetos (AUROUX, 2008). Em Scliar Cabral, o objeto centra-se em questões mais pontuais da Linguística, tendo em vista duas filiações: a europeia e a americana. Já em Fiorin, o objeto é deslocado, ou poderíamos dizer, descentrado, pois se procura trazer uma visão geral dos estudos sobre a linguagem. Desse modo, enquanto nos anos 60/70 vinculava-se a uma questão de recepção dos saberes da Linguística e de produção

sobre eles, nos anos 2000, volta-se para uma questão de produção de conhecimento a partir de uma perspectiva teórica que integra o domínio da Linguística.

Entendemos que não se verifica uma definição pontual do que é a Linguística nos livros selecionados, o que se observa é um recorte do que é esse domínio de saber, que está de acordo com a posição de cada sujeito linguista e com determinadas condições. Cada representação vincula-se à exterioridade, a qual é constitutiva de toda produção de conhecimento, apontando para a temporalidade que é interna e essencial a todo domínio de objeto (AUROUX, 2008). Isso nos leva a considerar que as condições de produção são essências para o modo como se entende determinado domínio de saber e o que se recorte, delimita para ser colocado em circulação e divulgação.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALTMAN, C. *A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)*. 2ª. ed. São Paulo: Editora Humanitas, 2004.

AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1992.

\_\_\_\_\_. Les modes d'historicisation. In: CHEVILLARD, J.-L. (org.) *Histoire Épistémologie Langage*. SHESL (Paris), pp. 105-116, 2006.

\_\_\_\_\_. *A questão da origem das línguas, seguido de A historicidade das ciências*. Trad. Mariângela Peccioli Gali Joaquinho. Campinas, São Paulo: Editora RG, 2008.

FIORIN, L. J. (org.). *Introdução à Linguística ó Vol. II. Princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_. (org.). *Introdução à Linguística ó I. Objetos teóricos*. 6ª. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 15ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

GUIMARÃES, E. *História da Semântica: Sujeito, Sentido e Gramática no Brasil*. Campinas, São Paulo: Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. Linguagem e Conhecimento: Produção e Circulação da Ciência. In: *Revista Rua (on line)*. Campinas, Número 15, Vol. 2, Nov., pp. 5-14, 2009.

LAGAZZI-RODRIGUES, S. O político na Linguística: Processos de representação, legitimação e institucionalização. In: ORLANDI, E.; GUIMARÃES, E. (orgs.). *Política Linguística no Brasil*. Campinas, São Paulo: Pontes, 2007.

ORLANDI, E. *Terra à vista!:* discurso do confronto: velho e novo mundo. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1990.

\_\_\_\_\_. Exterioridade e Ideologia. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Nº 30. Campinas, Unicamp, p. 27-33, 1996.

\_\_\_\_\_. *Língua e conhecimento linguístico:* para uma história das ideias no Brasil. São Paulo, Editora Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. *Interpretação:* autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4ª. ed. Campinas, Editora Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. *Discurso e Texto:* formulação e circulação de sentidos. 2ª. ed. Campinas, Editora Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. Sobre a (Des-)construção das Teorias Linguísticas. In: *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, nº 2, 1999.

PUECH, C. Pour une histoire de la linguistique dans l'histoire de la linguistique. In: CHEVILLARD, J.-L. (org.) *Histoire Épistémologie Langage*. SHESL (Paris), pp. 09-24, 2006.

SCHERER, A. E. Linguística no sul: estudos das ideias e organização da memória. In: GUIMARÃES, E.; BRUM DE PAULA, M. (orgs.). *Sentido e memória*. Campinas, Editora Pontes, pp. 9-26, 2005.

\_\_\_\_\_. Dos domínios e das fronteiras: o lugar fora do lugar em outro e mesmo lugar. In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. do R. (org.) *Análise do Discurso:* heranças, métodos e objetos. São Carlos: Clara Luz, p. 131-141, 2008.

SCLIAR CABRAL, L. *Introdução à Lingüística*. 7. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1973.

XAVIER, R. C. *Leonor Scliar Cabral:* uma historicidade possível na produção do saber sobre a lingüística na mídia impressa do RS. 2004. 108f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) ó Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.

Recebido em 14 de novembro de 2012.

Aprovado em 20 de janeiro de 2013.